

## PARTO CESÁRIO É O PREFERIDO NA REDE PRIVADA

A cirurgia respondeu por 84,5% dos procedimentos em 2008; no SUS, o percentual ficou em torno de 30%

ANDRÉ LUÍS SANTANA

O nascimento representa o princípio da existência humana e possui a complexidade do tamanho da sua importância.

Uma das principais decisões colocadas para mães, pais e médicos é a forma como se dará o parto: natural ou cesárea.

Dados da **Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS)** mostram que o número de cesarianas têm aumentado no Brasil. Em 2008, por exemplo, 84,5% dos partos cobertos por planos de saúde foram cesáreas. Em 2005, esse número era de 77,5%.

“Há diversos fatores para esse crescimento, inclusive as condições estruturais dos hospitais, que levam os médicos a optarem pela facilidade”, explica a gerente na ANS, Kylza Estrella.

Ela afirma que entre os fatores culturais está o temor relacionados ao parto natural.

“As mulheres têm medo da dor e do risco da morte”.

Já as cesáreas custeadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) no País chegaram a 31% do total em 2009. Na Bahia, esse número foi de 28%.

Mesmo abaixo do número de cesáreas cobertas pelo serviço privado, os dados da rede pública brasileira ainda são o dobro dos 15% recomendados pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Falta de leitos “A diminuição do número de leitos na rede privada tem obrigado os médicos a realizarem cesáreas, pela rapidez e previsibilidade do procedimento”, afirma a diretora de gestão do cuidado da Secretaria Estadual da Saúde (Sesab), Débora do Carmo.

Ela assegura que, na rede pública, cesarianas somente são realizadas com absoluta necessidade. “É preciso indicação médica de que se trata de uma gravidez de risco. Não há cesárea eletiva”.

Segundo Kylza Estrella, essa também é a posição da **ANS**. “Há consenso médico de que o parto natural é o melhor e deve ser preconizado. A cesárea é uma intervenção cirúrgica, uma necessidade em casos especiais”, afirma.

Método Leboyer Obstetra há 35 anos, Henrique Amorim ressalta que a falta de leitos foi agravada pelo fechamento de cerca de dez maternidades em Salvador nos últimos 12 anos. Mas há também a decisão da mãe.

“É muito comum a paciente já chegar pedindo para realizar a cesárea porque não quer sentir dor”, diz.

Essa não foi a escolha de Aildes Dórea, 23, mãe de Francisco, de três meses. Logo que soube que estava grávida, ela e o marido decidiram pelo parto natural. “Queria que meu filho nascesse e não fosse nascido. Não queria pegar ele dormindo, no susto. Pensei mais no meu filho que em mim”, afirma a mãe.

O casal encontrou dificuldade na escolha do obstetra.

“Fomos a três clínicas e percebemos que os médicos preferiam a cesárea, inclusive pelo número de mães no consultório que fizeram a cirurgia”, conta Aildes.

A mãe descobriu o método desenvolvido pelo obstetra francês Frederic Leboyer: o parto humanizado. Ele defende que a criança nasça sem sofrimento, em ambiente de pouca luz e de silêncio.

Entretanto, no dia do parto, o médico que acompanhava Aildes viajou e a criança nasceu sem os ritos esperados, como a participação do pai, que não foi autorizada.

“A presença da família oferece confiança à gestante”, diz Amorim, que defende a humanização dos partos naturais e das cesáreas.

Na Maternidade Tysila Balbino, há dez leitos para partos naturais sem riscos, que permitem uma acompanhante escolhido pela mãe. Neles, a cama, adaptada para pré-parto, parto e pós-parto (PPP), possibilita o parto de cócoras ou em outra posição confortável para a mulher.